



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023

ESTUDO TOPONÍMICO NOS DISTRITOS DE FEIRA DE SANTANA:
LÍNGUAS ORAIS E LIBRAS

Caroline da Silva Pereira Santos¹; Liliane Lemos Santana Barreiros².

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduanda em Letras – Língua Portuguesa, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: carol.santos2211@gmail.com

2. Orientadora, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: lilianebarreiros@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia; Distritos feirenses; Libras.

INTRODUÇÃO

A nomeação dos espaços faz parte da dinâmica comunicativa e geoespacial dos seres humanos, afinal, por meio dessas denominações os falantes se localizam e se relacionam com os mais diversos lugares, além de carregarem a história e a cultura de um povo, sendo necessária sua análise e valorização. No Brasil, muitas pesquisas foram e são produzidas no âmbito da Toponímia, área de conhecimento que estuda os nomes próprios de lugares, da sua origem e evolução, em línguas orais, com destaque às pesquisas da Dra. Maria Vicentina do Amaral Dick (1990; 1992), principal referência da área no Brasil. Entretanto, a expansão dos estudos em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e, até mesmo o reconhecimento enquanto língua, é bem mais recente (BRASIL 2002; 2005).

Assim, neste trabalho, desenvolvido no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UEFS), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e vinculado ao Projeto de pesquisa *Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras* (CONSEPE-UEFS 044/2018) com a orientação da Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros, nos debruçamos sobre o estudo toponímico dos oito distritos do município de Feira de Santana- BA, a saber: Distrito de Governador João Durval Carneiro (Ipuçu), Distrito de Bonfim de Feira, Distrito de Maria Quitéria (São José), Distrito de Humildes, Distrito de Tiquaruçu, Distrito de Jaíba, Distrito Jaguará, Distrito da Matinha. Catalogamos, registramos e analisamos os dados coletados sobre essas localidades, principalmente a partir do suporte metodológico da ficha lexicográfico-toponímica do projeto de pesquisa supracitado, de maneira a colaborarmos com a ampliação do léxico da comunidade surda feirense, bem como contribuirmos com o acesso a história e a cultura dessas localidades tão importantes para Feira de Santana.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

O desenvolvimento dessa pesquisa teve como aporte teórico-metodológico os estudos toponímicos em português (DAUZAT, 1926; DICK, 1987; 1990; 1992; SEABRA, 2004; 2006), inclusive o modelo taxonômico proposto por Dick, dos estudos toponímicos em Libras (SOUSA, 2017; 2019; 2021; 2022; FERREIRA, 2019; JESUS, 2019), dos estudos linguísticos da Libras (FELIPE, 2006; FERREIRA, 1995; GESSER, 2009; STROBEL, 2009; SOUZA JÚNIOR, 2012; KARNOPP, QUADROS, 2004) e da história dos Distritos de Feira de Santana (POPPINO, 1968; LIBÂNIO; MAURÍCIO, 2020) entre outros.

Adotou-se o modelo da ficha lexicográfico-toponímica usada no Projeto de Pesquisa Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras (UEFS-CONSEPE 044/2018), que já foi utilizada em estudos semelhantes (FERREIRA, 2019; JESUS, 2019). Nessa ficha, sistematizamos os dados coletados referentes à origem, à formação linguística, à intencionalidade, à motivação, aos aspectos históricos, culturais e sociais que influenciaram a criação dos nomes dos espaços investigados (os Distritos de FSA) em línguas orais, em especial a língua portuguesa, e em Libras, inclusive com a inserção do vídeo com o sinal em Libras em formato QR-code.

A coleta dos dados para o preenchimento das fichas foi feita a partir das visitas à Prefeitura Municipal de Feira de Santana, principalmente, à Secretaria de Desenvolvimento e Turismo, ao Arquivo Público Municipal, aos distritos analisados e a comunidade surda feirense.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Com os dados coletados construímos oito fichas lexicográfico-toponímicas referente a cada um dos distritos estudados. Para exemplificar, segue o quadro 1 com a ficha número 3, referente ao Distrito de Maria Quitéria.

Em nossas análises, notou-se a grande influência religiosa e antropocultural na formação dos topônimos principalmente em línguas orais. Ainda nessa modalidade, vemos a recorrência da toponímia paralela, sendo encontrada em 25% do nosso corpus, como exposto na ficha do Distrito de Maria Quitéria, o qual é reconhecido pelos moradores locais como São José, tendo diversas placas com essa nomenclatura. Já em Libras, encontramos sinais de 37,5% do nosso corpus, percebemos que o fenômeno de inicialização, comumente visto em outros estudos da toponímia bilíngue, também se faz presente nos dados desta pesquisa.

Quadro 1 – Ficha lexicográfico-toponímica do Distrito de Maria Quitéria

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA		NÚMERO: 3
TERMO GENÉRICO: Distrito	TOPÔNIMO EM LP: Maria Quitéria	
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: Feira de Santana-BA https://goo.gl/maps/nmbg5pQt6E47V1k16	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo		
ORIGEM: Portuguesa		
HISTÓRICO: Maria Quitéria ~ São José		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

O distrito de Maria Quitéria foi criado oficialmente em 23 de abril de 1864, pela Lei nº921 (FEIRA DE SANTANA, 1864), como São José das Itapororocas. Farias (2019), aponta que o termo “Itapororoca” provém da influência dos payayás, povo indígena que remotamente residia na localidade, vindo *tupi* significa “pedra que ronca”. É um distrito de suma importância para o município, pois em sua freguesia se localizava a Fazenda Santana dos Olhos D’água, da qual surgiu a feira livre que posteriormente nomearia a cidade de Feira de Santana. Em 1938 teve sua alcunha alterada para Maria Quitéria, em homenagem à heroína da Independência Maria Quitéria. (LIBÂNIO; MAURÍCIO, 2020)

SINAL EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Acronimotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL

TOPONÍMICO:

Composto híbrido

MOTIVAÇÃO DO SINAL:

Os surdos identificam a localidade pelo processo de inicialização, motivado pelas letras do nome em língua portuguesa do topônimo (M e Q).

FONTES:

LIBÂNIO, Clarice; MAURÍCIO, César (org.). **Distritos de Feira:** imagens das culturas populares. Feira de Santana: Favela é Isso Aí, 2020. Disponível em: <https://www.favelaeissoai.com.br/wp-content/uploads/2020/11/2020-feiradesantana.pdf>. Acesso em: 21 set. 2022.

Fonte: Elaborado pela autora

Notamos ainda que na metade das localidades não se sabia se há moradores surdos, em 12,5% verificamos que há surdos, porém esses ainda não nomearam o distrito, utilizando a datilologia para referir-se ao espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Nessa pesquisa buscamos compreender quais as motivações para a toponímia dos distritos feirenses em línguas orais e Libras. Para tal, observamos as denominações e sentidos dados aos topônimos, sempre que encontrados, de maneira a contribuir com os estudos linguísticos em toponímia bilíngue que vem sendo desenvolvidos no município de Feira de Santana.

Com o levantamento dos dados, podemos cooperar para a ampliação dos conhecimentos históricos-linguístico dos distritos. Entendemos assim, que tal trabalho é de suma importância para evidenciar a necessidade da nomeação dos topônimos em Libras, o que colaboraria para melhor referência e movimentação da comunidade surda da cidade, em especial, nos distritos que, conforme observado, carregam grande valor para município. Nas investigações realizadas conseguimos compreender melhor a origem e trajetória de Feira de Santana e pensar na importância dos distritos para sua economia, turismo, história, cultura, dentre outros.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Decreto n. 5.626, de 22 dez. 2005.** Regulamenta a Lei n. 10.436 de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua brasileira de sinais – LIBRAS, e o art. 18 da Lei nº 10.098 de 19 de setembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dez. 2005.
- BRASIL. **Lei n. 10.436 de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a língua brasileira de sinais – LIBRAS e dá outras providências. Brasília: MEC, 2002.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira.** São Paulo: Edições do Arquivo do Estado, 1990.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do A. **Toponímia e antroponímia no Brasil.** Coletânea de Estudos. 3. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.
- FEIRA DE SANTANA. **Decreto nº 7462, de 21 de fevereiro de 2008.** Criação do distrito neste município. Feira de Santana, BA: Arquivo Público Municipal, 2008.
- FEIRA DE SANTANA. **Lei n. 164/2005.** Dispõe sobre a implantação e obrigatoriedade da Libras – língua brasileira de sinais – como língua oficial do município de Feira de Santana e dá outras providências. Leis Municipais. Feira de Santana, 1 fev. 2005.
- FEIRA DE SANTANA. **Lei n. 2608/2005.** Cria cargos de intérpretes de libras – língua brasileira de sinais e dá outras providências. Leis Municipais. Feira de Santana, 29 ago. 2005.
- FEIRA DE SANTANA. **Lei Nº 3000/2009.** Dispõe sobre a obrigatoriedade da presença do intérprete de Libras em locais de atendimento coletivo em Feira de Santana, e dá outras providências. Leis Municipais. Feira de Santana, 19 maio 2009.
- FERREIRA, Daniela Betânia dos S. **Estudo toponímico do centro comercial de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras.** 186f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.
- FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FRANCISQUINI, I. de A. **O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranaval.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1998.
- GESSER, A. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. **Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais.** In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). *As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia e terminologia.* Vol. VI. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012. p. 115-139.
- JESUS, Carlos Messias A. de. **Estudo toponímico dos bairros de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras.** 169f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.
- LIBÂNIO, Clarice; MAURÍCIO, César (org.). **Distritos de Feira: imagens das culturas populares.** Feira de Santana: Favela é Isso Aí, 2020. Disponível em:

<https://www.favelaeissoai.com.br/wp-content/uploads/2020/11/2020-feiradesantana.pdf>. Acesso em: 21 set. 2022.

POPPINO, Rollie E. **Feira de Santana**. Tradução de Arquimedes Pereira Guimarães. Bahia: Editora Itapuã, 1968.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.

SOUSA, Alexandre Melo de. Projeto atlas toponímico da Amazônia ocidental brasileira: a motivação toponímica na criação dos sinais (em Libras) que nomeiam os municípios acreanos. In: SOUSA, A. M; GARCIA, R. SANTOS, T. C. (Org). **Perspectivas para o ensino de línguas**. v. 2. Rio Branco: NEPAN Editora, 2017.

SOUZA JÚNIOR, J. E. G. **Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira**. Uma perspectiva de toponímia por sinais. 2012. 80f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

STROBEL, K. L. **História da educação de surdos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.